

OKA, Mihoko (ed.) (2022). *War and Trade in Maritime East Asia*. Singapura: Palgrave, 282 pp., ISBN: 978-981-16-7368-9.

Nos últimos anos, investigações em torno da história marítima asiática têm vindo a ganhar uma maior predominância. Especialmente inseridas no contexto de estudos imperiais, outrora dominados por uma historiografia eurocêntrica, devido a uma crescente ênfase em metodologias interdisciplinares e transnacionais, tem-se assistido a desenvolvimentos significativos neste campo. Resultado do projeto de investigação internacional “Conflict and Diplomacy in Maritime East Asia During the 16th and 17th Centuries”, desenvolvido entre 2017 e 2021, que teve como investigador principal Gakusho Nakajima, a obra *War and Trade in Maritime East Asia*, editada pela historiadora japonesa Mihoko Oka, insere-se neste contexto.

Tal como apontado pela editora na introdução, os estudos da história marítima da Ásia Oriental desenvolvidos em torno de um poder não europeu não são propriamente revolucionários. Todavia, estes progressos viram muitas vezes a sua publicação limitada à língua japonesa, tampouco seguindo as tendências historiográficas que surgiam fora das ilhas nipónicas. Numa tentativa de alterar este paradigma nasceu a obra em análise. Num louvável esforço de investigação em perspetiva global, e na consequente publicação das conclusões em língua inglesa, são reunidos neste volume um total de 9 estudos, da autoria de 9 historiadores distintos. A repartição destes textos pode ser essencialmente feita entre o antes e o pós invasão da Península da Coreia no contexto das campanhas militares do dáimio japonês Toyotomi Hideyoshi, iniciadas em 1592.

A obra abre com uma consideração sobre o estudo da história marítima asiática nas escolas japonesas da autoria de Momoki Shiro, um conceituado historiador japonês que defende a importância de uma reforma educativa da disciplina de história nas escolas japonesas, afirmando ainda a necessidade de uma integração dos estudos globais nas mesmas. O seu argumento é claro e bem estruturado, ficando evidente a persistente análise ocidental do estudo da história no Japão, combinada com o particularismo historiográfico nipónico, mesmo quando se trata de análises globais, isto é, procura-se conhecer os contactos japoneses com os continentes europeu e americano, ignorando-se as relações estabelecidas com os poderes asiáticos. Não se tratando de um estudo de história político-económica do oriente asiático moderno, entende-se o interesse em figurar como abertura deste volume, uma vez que os seguintes capítulos claramente procuraram colmatar a principal crítica apontada por Shiro.

O primeiro artigo da obra propõe uma análise do papel dos dáimios do Oeste japonês como embaixadores e mercadores em contacto com a China Ming, entre meados do século XV e finais do século XVI. Toshio Kage, autor do texto, é um reconhecido especialista das relações externas do Japão pré-moderno, atualmente vinculado à Universidade de Nagoya Gakuin, no Japão. Dada a inexistência de um governo centralizado no Japão da época, Kage entendeu a importância de perceber o papel destes poderosos senhores fundiários, as suas limitações e, inclusive, a concorrência que surgiu entre as distintas fações no desenvolvimento das relações diplomáticas e comerciais que se formaram entre os territórios chinês e nipónico. Desta forma, o autor conseguiu importantes contribuições para a percepção da relevância do papel destes senhores no comércio marítimo, defendendo, inclusive, que alguns destes clãs tornaram-se verdadeiros “senhores do mar”.

A historiadora Mihoko Oka, especialista nas relações comerciais luso-nipónicas, atualmente vinculada à Universidade de Tóquio, propõe uma análise da origem do comércio do período *Nanban*, e a importância da cidade portuária de Macau para o mesmo. A proposta não é necessariamente original, todavia, e como a autora reconhece, um dos aspetos mais interessantes deste estudo baseia-se no seu foco em torno dos comerciantes privados portugueses. Oka recorre com bastante frequência à famosa “Peregrinação” de Fernão Mendes Pinto como fonte histórica. É certo que a própria autora reconhece as imprecisões e incongruências históricas que se perpetuam ao longo da peça literária. Todavia, comprova que, quando cruzada com diversas outras fontes da época, nomeadamente jesuítas e chinesas, surgem novas perspectivas de interpretação para um tema que se tem mantido relevante e amplamente discutido nos estudos do mundo imperial português.

O artigo de James Fujitani, da Universidade Particular em Azusa, EUA, propõe uma nova interpretação sobre o estabelecimento português em Macau, e, numa escala mais ampla, nas conexões, formais e informais, estabelecidas entre os portugueses e a China Ming. Devido à escassez documental portuguesa e jesuíta em torno deste período e geografia, poucos estudos foram publicados sobre o assunto. Fujitani, todavia, com recurso a fontes chinesas, conseguiu construir um argumento coeso com interessantes conclusões até então ignoradas pela historiografia ocidental. Não omitindo as pretensões imperialistas portuguesas no território, o autor questiona se apenas isso justifica o facto de os portugueses não se terem submetido como vassalos da corte Ming, ou se, por outro lado, interessava aos órgãos de poder local em Macau perpetuar o estatuto destes homens como mercadores regionalmente dependentes.

Akiyoshi Fujita, da Universidade de Tenri, propõe no capítulo seguinte uma análise detalhada dos mapa-múndi do século XVII, com especial atenção para as áreas onde navios comerciais japoneses do período efetuavam o seu trato. O trabalho do autor passou pela localização destes mapas, dispersos e perdidos no pós segunda guerra mundial, e uma consequente análise exaustiva dos mesmos. Fica clara a importância destas fontes para o estudo do comércio asiático do século XVII, e urge levar a cabo uma abordagem interdisciplinar no seu estudo, procurando retirar o máximo de informação possível.

A segunda parte do livro, enquadrada no pós invasão da Coreia por parte do Japão, abre com um artigo da autoria de Gakusho Nakajima da Universidade de Quiuxu, onde este propõe abordar os contactos comerciais Ming-Japão antes e após a primeira invasão da península coreana, à época um reino vassalo da China Ming. O autor especifica as tentativas de reacender o comércio tributário, fomentadas tanto por membros da corte chinesa como pela própria corte japonesa. As sucessivas tentativas de ambas as partes neste sentido são aqui apontadas. A natureza complicada deste processo político é clarificada e acompanhada pelo autor até ao seu desmoronamento que resultou numa rutura diplomática entre ambas as partes que perduraria até ao fim da governação de Hideyoshi.

De seguida Wing Kin Puk, da Universidade Chinesa de Hong Kong, examina em detalhe os conflitos internos que surgiram dentro do aparelho militar Ming no contexto da guerra que perdurava na península coreana contra as forças japonesas, que culminaria numa rebelião em grande escala dentro do próprio exército. O artigo analisa, não tanto os conflitos entre japoneses e chineses, mas, sobretudo, os conflitos entre os soldados Ming, provocados pela reivindicação das cabeças dos soldados inimigos mortos – estas representavam a base do sistema de recompensa e ascensão militar Ming. Apresenta interessantes pontos em torno dos conflitos internos que proliferaram num Estado em guerra, bem como episódios de violência fora do campo de batalha, quer entre soldados aliados, quer contra civis.

Takashi Kuba, da Universidade Seinan Gakuin, num artigo intrinsecamente conectado com o anterior, clarifica um aspeto pouco estudado neste contexto militar: a captura, por parte do exército Ming, de dispositivos bélicos bem como de soldados inimigos e o papel que estes auferiram na repressão da Revolta de Yang Yinlong (1594-1600). Os intercâmbios culturais e tecnológicos apontados pelo autor refletem um contexto geopolítico em progressivo estado de globalização. Os arcabuzes, introduzidos no mundo japonês devido aos contactos políticos e comerciais com o ocidente europeu, encontravam-se em rápida disseminação na península coreana e no território

chinês, e os efetivos treinados no manuseamento destas peças eram integrados no próprio aparelho militar Ming.

Por fim, Hitoshi Yonetani da Universidade de Waseda, num artigo previamente publicado em língua japonesa, introduz outro aspeto trágico deste conflito. Propõe uma análise em torno do repatriamento de prisioneiros coreanos forçosamente levados para o Japão durante as campanhas militares mencionadas. Explica que, como tentativa de reativar as boas relações diplomáticas com a China Ming, vários esforços de repatriamento são fomentados num sentido bilateral. O autor conseguiu acompanhar e reconstruir os processos de vários destes prisioneiros, concluindo que alguns conseguiram alcançar a sua liberdade por meios próprios, enquanto outros mostraram interesse em permanecer no território nipónico, isto após décadas afastados das suas terras de origem. Mais ainda, aponta que muitos outros viajaram entre distintas partes dos continentes asiático e europeu sob a condição de escravizados, reforçando a ideia deste conflito e das suas consequências num contexto global.

Em suma, *War and Trade in Maritime East Asia* é uma obra com uma proposta ambiciosa, conseguindo promover conclusões reflexivas e inteligíveis. Através de diversas metodologias de investigação que cruzam distintas cronologias, geografias e barreiras linguísticas, os autores conseguem uma análise à escala global da realidade de diversos poderes asiáticos entre os séculos XVI e XVII, os contactos comerciais praticados entre estes e o mundo ocidental, bem como os conflitos militares, as revoluções sociais e culturais, e ainda os desenvolvimentos tecnológicos. A utilização de fontes de diversas proveniências e línguas enriquece enormemente os argumentos dos autores. Ainda que o frequente recurso a longas citações destas fontes possa tornar a leitura menos fluída, não se pode afirmar que a exposição e argumentação final destas seja decisivamente prejudicada. O leitor está na presença de uma obra de grande valor para o conhecimento da Ásia Oriental dos séculos XVI e XVII, bem como do potencial das abordagens interdisciplinares no desenvolvimento dos estudos imperiais, sobretudo enquadrados num contexto global.

CARLOS EDUARDO DA MOTA

Universidade de Coimbra, Centro de História da Sociedade e de Cultura

carlos.edu.chambel@gmail.com

<https://orcid.org/0009-0001-0100-8624>

